

*Entre a Literatura de Kenneth Grahame e os Álbuns Musicais do Pink Floyd:
A Teoria da Adaptação de Linda Hutcheon*

Marilei Golfe Milan (UPF)¹

Literatura e Música, nascidas gêmeas da fala humana permitem a expressão das paixões e experiências da alma. Juntas em lamentações e cantos, geraram mantras e preces, dotadas de atributos que tem o som por origem, possibilitaram a criação de oratórios, cantatas e baladas, e inscreveram na história do mundo ilustres personagens, e com eles vasto campo de relações.

Independente do ofício que o leitor desempenha, é muito comum que as emoções aflorem a o ler um texto. O compositor que está em busca de inspiração para a escrita de uma canção pode vislumbrar o público agraciado com voz, instrumento e subjetividade. A Literatura é serva do leitor, deixa-se adaptar para servir; a Música é uma das artes que carrega consigo a expressão e temperamento de um povo; siamesas elas se perpetuam no tempo em abstrações das emoções que suscitam e nas sensações provocam, no mesmo espaço mesclam o indizível que promovem.

A adaptação pressupõe a existência de um texto prévio, mas esses não competem entre si, há uma relação, cada qual obedece sua linguagem, seu formato e seus distintos recursos. A adaptação se constrói de forma nem inferior nem superior ao original, mas se abre em possibilidades de outros textos e contextos, nesse estudo, de fábula para música.

Vasto campo de relações há entre as nomenclaturas literatura e música, para esse intento observaremos os estudos de Oliveira (2020) que referencia a proposta do crítico Steven Paul Scher. É indispensável que observemos em qual das três grandes áreas: Literatura na Música, Literatura e Música, e ainda, Música na Literatura, esse estudo pode ter afinidade.

O *corpus* para este estudo é parte da discografia da banda britânica Pink Floyd. O primeiro álbum escolhido é *The Piper at the Gates Down*, que foi baseado na fábula “O Vento nos Salgueiros” do autor escocês Kenneth Grahame. O segundo escolhido é *The Dark Side of the Moon* e apresenta uma narrativa distópica em torno da vida moderna e seus dilemas. O terceiro álbum escolhido é *Wish You Were Here*, o qual versa sobre a indústria fonográfica e o artista, ainda, indica a relação da banda com o próprio passado e as suas escolhas.

A luz da Teoria da Adaptação de Linda Hutcheon, observaremos a fábula de Kenneth Grahame na produção musical do primeiro álbum da banda Pink Floyd e o reflexo desse nos outro dois.

¹ Graduada em Letras (UnC), Mestra em Letras, Leitura e Produção Discursiva (UPF), Doutoranda (UPF).

O vento nos Salgueiros

Com um lugar reservado entre os cânones infantis, “*O Vento nos Salgueiros*”, obra de Kenneth Grahame, narra uma aventura entre quatro amigos teimosamente leais: a Toupeira, o Rato, o Texugo e o Sapo. A Toupeira é incansável no trabalho de cuidar da casa e sente que deve aproveitar a natureza, seu fascínio pelo cheiro das recordações e heranças garante os valores de sua existência em um mundo forte que compreende ser bem vinda em seu lar.

O Rato adorava barcos, para si navegar era sempre algo que valia a pena, além disso gostava de uma boa conversa com uma cesta de piquenique junto aos amigos. A Toupeira tornou-se sua amiga e com ele sentiu o valor de navegar e se emocionar.

O Sapo adorava a riqueza, tivera barcos mas desistira deles por outra pretensão: um automóvel. A materialização estava em uma carrocinha cigana, uma utopia de estrada aberta, rodovia empoeirada, morros ondulantes, viagens, emoção! O veneno do desejo estava em seu sangue, ninguém o impediria, usaria o cérebro contra a força bruta e sairia vencedor, mas o destino mostrara que não, e ele tornara-se um indefeso prisioneiro dos seus sonhos.

O Texugo odiava a sociedade e tudo o que a sustentava, não gostava de visitas e era tímido. Mesmo com todas as ressalvas e sem saber as senhas, os sinais e os ditados que tem poder na hora do perigo, a Toupeira e o Rato bateram à sua porta e juntos conversaram sobre as loucuras do Sapo. Isso fez a Toupeira sabiamente pensar sobre permanecer nos lugares agradáveis que o destino lhe guardara e que continham aventuras para uma vida inteira.

Os amigos permanecem firmes na lealdade, a amizade era como uma âncora para a existência deles. Quando um garotinho desaparecera, o Rato e a Toupeira, depois de remarem rio acima, amarraram o barco em um salgueiro, ouviram uma música celestial de chamado forte e doce, que dominava, balançava e embaçava a alma indefesa deles. A ilha encerada por salgueiros e bétulas era reservada e tímida, escondia por trás de um véu o que quer que continha até que a hora certa chegasse e, com ela, os chamados e escolhidos. Uma Presença respeitável estava muito próxima, protegia o bebê lontra que mais tarde voltaria para a mãe em segurança, era o deus Pã, ele segurava a flauta recém afastada dos lábios entreabertos da boca barbada que se abria em um meio sorriso, o nariz severo e adunco entre os olhos gentis, os chifres curvados para trás eram reluzentes à luz que crescia. O Flautista nos Portões do Amanhecer concedeu o melhor e último presente àqueles a quem se revela ao ajudá-los: o dom do esquecimento. Isso era para que a memória assustadora não estragasse a vida posterior de quem foi ajudado em momentos de dificuldade, para que a terrível lembrança não

crecesse ou ofuscassem a alegria e o prazer, permitindo-os seguirem felizes e despreocupados com antes.

Pink Floyd

A banda Pink Floyd surgiu em Londres, no ano de 1965, com os amigos Roger Keith “Syd” Barret, George Roger Waters, Richard “Rick” Wright e Nicholas “Nick” Manson. Todos remanescentes de outros grupos de rock e estudantes de Cambridge. No início a banda era liderada por Syd, que compunha as letras, depois, com a saída dele, David Gilmour entrou como guitarrista e vocalista. A atmosfera de cultura psicodélica, movimentos sociais, expressão artística e busca da espiritualidade foram alguns importantes marcadores da época. Nesse intuito elegemos como objetos deste estudo o álbum *The Piper at the Gates of Dawn*, 1967 – O Flautista nos Portões do Amanhecer -, e os que tiveram sua criação por reflexo desse: *The Dark Side of the Moon*, 1973, - O Lado Escuro da Lua – e *Wish You Were Here*, 1975 – Queria que você estivesse aqui.

The Piper at the Gates of Dawn, o primeiro disco da banda é resultado da adaptação do clássico infantil em que estão presentes valores místicos, aventura, moralidade e lealdade. O famoso capítulo, da obra do autor Kenneth Grahame, rende nome ao álbum da banda e as composições são divertidas e marcadas pelo vocal de Syd. Ele era o estudante de Artes que trazia os livros para a sua música, materializava a literatura e inspirava outros artistas.

The Dark Side of the Moon, apresenta uma narrativa distópica em torno dos dilemas da vida moderna, desde o nascimento e a relação com a mãe, passando pela busca de sentido na vida, é, ainda, sobre o tempo, o trabalho, o sagrado, medo de morrer e a loucura. Embora sabemos que esse álbum tem homenagens ao integrante Syd e é reflexo do sucesso do primeiro, foi muito intenso e se manteve assim por longo tempo.

Wish You Were Here, apresenta a relação entre a indústria fonográfica e o artista. Remete ao passado, sobretudo ao Syd que deixara a banda por desequilíbrio em suas escolhas comportamentais as quais não foram saudáveis ao trabalho. Os diálogos que a banda britânica estabelece com diversas questões contemporâneas, funcionam como uma resenha da sociedade, contestação de estruturas e mudanças. Assim, nosso intuito é confirmar, através da adaptação, a intersecção entre literatura de Kenneth e a música do Pink Floyd.

A adaptação

A respeito da adaptação, o pensamento de Linda Hutcheon (2013) expressa que adaptar e fidelidade não tem sentido sinônimo. A fidelidade não deve ser parâmetro de julgamento ou da análise das adaptações das obras ou de reprodução do texto original, embora a autora defenda que adaptar com ajustes significa alterações e possibilidades de diversas produções.

Segundo Hutcheon (2013), a literatura sempre possuirá uma superioridade axiomática sobre qualquer adaptação, por ser uma forma de arte mais antiga. Ela argumenta que as adaptações são consideradas inferiores ou secundárias, mas estão presentes na nossa cultura e tem aumentado as estatísticas dos vencedores ao Oscar de melhor adaptação. É verdade que isso tudo alimenta a demanda por diferentes tipos de histórias e “deve haver algo particularmente atraente nas adaptações como adaptações” (HUTCHEON, 2013, p. 25).

Linda cita Walter Benjamin para dizer que cada adaptação tem sua aura, sua própria “presença no tempo e no espaço, uma existência única no local onde ocorre” (apud HUTCHEON, 2012, p. 27), pois há várias intenções no ato de adaptar: há o desejo de consumir e apagar a lembrança do texto adaptado, há a intenção de questionar, e ainda, a vontade de prestar homenagem ou a de venerar o texto. Qualquer que seja o motivo, “a adaptação, do ponto de vista do adaptador, é um ato de apropriação ou recuperação, e isso sempre envolve um processo duplo de interpretação e criação de algo novo” (HUTCHEON, 2012, p.45), no entanto, é cânone que “a novidade está no que se faz com o outro texto” (HUTCHEON, 2012, p. 45). O público por sua vez, necessita de memória para perceber intertextualidade e apreciar tanto a diferença do texto adaptado quanto a semelhança. Há histórias que são contadas e recontadas de diferentes maneiras, com novos materiais e em diversos espaços culturais, e “as mais aptas fazem mais do que sobreviver; elas florescem” (HUTCHEON, 2012, p. 59).

Na passagem do meio impresso para o performativo, no caso das narrativas, muitas informações podem ser traduzidas para a ação e atuação no palco ou de pronto descartadas. Nos estudos de Oliveira (2020), a musicalidade das palavras é entendida como construção sonora resultante da exploração do aspecto material da linguagem poética ou a imitação, pela linguagem verbal, da acústica de sons musicais. Os sons e as letras musicais criam reações emocionais, “a música é um componente narrativo tão importante quanto as palavras; acrescenta-se essa função ao seu valor evidente poder afetivo e mimético” (HUTCHEON, 2012, p. 72). Os efeitos sonoros acrescentados ao texto verbal são como um auxílio ao imaginário do ouvinte, produzem um efeito dramático e poderoso no público.

Os acordes musicais podem ser interpretados como passagem de diversos sentimentos ou comportamentos, podemos citar as paixões envolvidas, as surpresas, a psicologia, a vida e

a morte. A variação tonal representa as ideias narratológicas, mas é dependente da capacidade do ouvinte provocado em sua imaginação, “um solo de violinos para a doce inocência ou um rosnado de clarinete para estimular nosso desconforto” (HUTCHEON, 2012, p. 119), mas também é verdade que os compositores trabalham a partir de um roteiro, já que a música ajusta-se a vários fatores entre eles à ação e ao tempo.

Considerando os estudos de Oliveira (2020), a autora diz que Literatura na Música está apoiada no escrito, e para orientar a interpretação do ouvinte narra uma história ou descreve uma paisagem ou, ainda, evoca personagens de narrativas conhecidas como as das universais peças de Shakespeare. No que tange a Literatura e Música, a autora refere a integração entre as duas artes e a relação entre a estrutura verbal e a musical, ou seja, a textualidade e a musicalidade, observa, ainda, que há diferentes posturas críticas embora atribua-se, por parte de alguns, igual peso aos dois constituintes, e para outros a tensão das mesmas. Quanto a categoria Música na Literatura, entende-se que há a Música de Palavras, construção sonora resultante da exploração do aspecto material da linguagem poética, em especial destacam-se os jogos de assonâncias, consonâncias e aliterações; há também a Imitação Literária de Estruturas Musicais que consiste na mudança de tempos verbais ou categorias gramaticais correspondente a uma palavra-chave repetida no texto; por fim, a Música Verbal, definida no estudo da autora, “como a criação literária descritiva da recepção da obra musical por um ouvinte atento, [...] esses textos frequentemente sugerem a reação subjetiva do autor implícito ou de um personagem a uma execução musical” (OLIVEIRA, 2020, p. 104).

O adaptador é um interprete antes de se tornar um criador, pois o texto adaptado “não é algo a ser produzido, mas sim um objeto a ser interpretado e recriado, frequentemente numa nova mídia” (HUTCHEON, 2012, p.123). O temperamento e o talento do adaptador, além dos seus intertextos particulares, são parte da transposição criativa da história. Interpretar e parafrasear é dar vida ao novo texto adaptado. Para o público, o apelo das adaptações está na mistura de repetição e novidade, é um prazer em si, “traz conforto e entendimento mais amplo e a confiança que advém da sensação de conhecer o que está por vir” (HUTCHEON, 2012, p. 159). Juntando-se isso com as complexas interações e a acessibilidade, direcionam-se ao cumpridor papel na educação, podemos exemplificar a literatura canônica adaptada aos desenhos animados ou histórias em quadrinhos, assim proporcionando aprendizado aos diversos públicos, despertando o interesse ou incentivando em ler o livro que serviu de base, eliminando as diferenças de classe inerentes ao acesso à literatura e à alfabetização.

A contemporaneidade, inclinada a abolir fronteiras entre as artes apresenta possibilidades de explorar materiais acústicos e escritos. Algumas dessas fronteiras podem ser

apagadas ou ter afrouxado o vínculo entre o sonoro e o semântico, e assim, entregues ao prazer da exploração de si “essa conclusão nos devolve ao ponto de partida, o parentesco entre as duas artes, mais do que nunca inseparáveis” (OLIVEIRA, 2020, 109).

A interface

Sobram lendas sobre a banda que construiu tamanho legado imagético. Conforme Blake (2012), o produto das imagens da banda, sejam estáticas ou em movimento não refuta a coerência estética. O título do primeiro trabalho do grupo, *The Piper at the Gates of Down*, foi tirado de “*O vento nos Salgueiros*”, fábula de Grahame, de 1908. Conforme Blake (2012), no capítulo de mesmo nome, duas das personagens embarcam em uma busca espiritual. Essa busca profunda pode se insinuar descrita em “*Astronomy domine*” pois infere a astronomia, descrição de parte do sistema solar, o cintilar das estrelas, quando ouvimos na voz da banda: “Jupter e Saturno, Oberon, Miranda e Titania, Netuno, Titan, estrelas podem apavorar. [...] Sinais ofuscantes oscilam, balançam, cintilam [...]. (Tradução nossa)”². Na outra composição instrumental “*Interstellar Overdrive*” percebe-se um desejo viajante, embora a crítica dizia que “o Floyd era diferente, mas também se encaixava bem no meio de tudo aquilo” (BLAKE, 2012, p. 64), eles estavam dentro do espírito do que acontecia na época, as viagens lisérgicas, os efeitos luminosos e de som ligados aos contos de fadas numa terra bucólica que tinha o misticismo presente nos valores humanos.

Na fábula, o desejo de viajar e encontrar um chamado assustava, pois

A linha do horizonte era clara e nítida contra o céu [...], a lua se ergueu com uma majestade vagarosa até se libertar do horizonte e partir, livre de amaras; e mais uma vez eles começaram a ver superfícies – prados extensos, e jardins tranquilos, e o próprio rio de uma margem à outra, tudo revelado aos poucos, tudo livre de mistério e horror, tudo radiante mais uma vez como durante o dia, mas com uma diferença que era tremenda. (GRAHAME, 2021, p. 98).

Em sua performance psicodélica e criativa, a instrumental música “*Interstellar Overdrive*” descrita como um conjunto de notas, segundo Blake (2012), uma primeira e bruta versão num conjunto de imagens abstratas e rápidas da América em 1967. Kenneth escreve que “as velhas assombrações os saudavam novamente em nova roupagem, como se estivessem escapulido e vestido novos trajes em silêncio, sorrindo enquanto esperavam tímidas para ver se seriam reconhecidas” (GRAHAME, 2021, p. 98). Na época dessa

² Jupiter and Saturn, Oberon, Miranda and Titania, Neptune, Titan, stars can frighten. Blinding signs flap, flicker [...]. BARRETT, Syd; WATERS, Roger; WRIGHT, Richard; MASON, Nick. *Astronomy Domine*. In: *The Piper at the Gates Down*. Londres: Columbia/EMI, 1967. 1 disco. Lado A, faixa 1.

composição, o ambiente era como descer a um mundo subterrâneo dos sonhos, uma ambiência uterina; o Floyd era muito viagem e muito abstrato, havia maciez e mistério, mas tinha público por dentro das lutas pelos direitos civis, uma força e ser levada em consideração. (BLAKE, 2012, p. 80-84).

As letras caprichosas sobre bruxas, espantalhos, gnomos e contos de fadas se manifestam ao longo do álbum, em “amarrando o barco a um salgueiro, os amigos desembarcaram naquele reino silencioso e prateado e exploraram pacientemente as sebes, as árvores ocas, os arroios e suas pequenas galerias, as valas e os cursos d’água” (GRAHAME, 2021, p. 98), os compositores também exploram os recursos para expressar o que está ao alcance, seja em mistério ou em mudanças que se anunciavam aos poucos.

O álbum “*The Dark Side of the Moon*” tem um trabalho intimista que suscita reflexões às dificuldades e pressões da vida comum, questões intemporais que fazem parte da natureza, é sobre a saúde mental ou a falta dela, ainda, sobre o envelhecimento, a ganância e a morte. Na narrativa de Kenneth encontramos a passagem “então uma mudança começou a se anunciar aos poucos” (GRAHAME, 2012, p. 99), na banda a mudança é a saída do Syd, o lugar é ocupado por outro. Podemos inferir que anunciou uma mudança na vida de um leitor? Poderia a literatura ser um guia para a difícil decisão do integrante? Bem, não podemos afirmar, apenas presumir pois ele passou a “uma existência quieta, embora não totalmente reclusa. Por certo, após cada invasão de sua privacidade, a trilha ficava fria novamente e Syd era deixado em paz, com apenas um ou outro fã que batia à sua porta sem ser convidado” (BLAKE, 2012, p. 16).

Nesse álbum escolhemos duas canções para observar a interface da adaptação entre a literatura e a música: “*Any color you like*” e “*Brain damage*”. A primeira é instrumental, faz alusão a dopagem lisérgica que gerou o comportamento do Syd. “Ele era alguém que as pessoas apontariam nas ruas, alguém que tinha carisma, aquele magnetismo, era um esportista notável, no entanto ele admitiu tempos depois que pensava ser odiado pela maior parte das pessoas que o rodeavam” (BLAKE, 2012, p. 19). Na narrativa de Kenneth há uma passagem que mostra o deslumbramento das personagens quando há “música para dançar... uma música animada que não para... mas com palavras também... ora cantada, ora só instrumental...percebo as palavras de tempos em tempos... e a música para dançar volta” (GRAHAME, 2012, 105).

Kenneth infere a percepção da personagem ao amanhecer iminente, enquanto “a natureza, ruborizada com a plenitude de cores inacreditáveis, parecia prender a respiração à espera do acontecimento” (GRAHAME, 2012, p. 102), uma descritível luta contra a memória

de instantes e vagas sensações de beleza de todas as cores. A faixa “*Brain damage*” alude ao autoconhecimento, consumismo e sensação de não ser necessariamente mestre em sua própria identidade. Para Silva (2018), a composição lírica dos álbuns “é repleta de referências à expansão da mente, mas delimitada por uma linha muito tênue que, ao ser cruzada, pode trazer complicações na saúde mental” (SILVA, 2018, p. 113).

E se sua cabeça também explodir com maus pressentimentos
Te vejo no lado escuro da lua [...]
E se a nuvem explodir, trovejar em seu ouvido
Você grita e ninguém parece ouvir
E se a banda em que você está começar a tocar melodias diferentes
Te vejo no lado escuro da lua (PINK FLOYD, 1973, tradução nossa).³

Na obra de Kenneth encontramos sentido aproximado do que o grupo poderia estar sentindo em relação ao que não conseguem completamente compreender: “Pois este é o último melhor presente que o semideus gentil tem o cuidado de conceder àqueles a quem se revela ao ajuda-los: o dom do esquecimento” (GRAHAME, 2012, p. 103). No entanto, a banda segue seu curso e os integrantes, assim como as personagens do conto, seguem leais, da forma deles.

No álbum *Wish You Were Here*, o conceito central é a ausência de Syd e a empatia entre os integrantes que passam a se expressar sobre os intrincados conceitos do comportamento humano indicando os dramas e as inquietudes vividos por eles. (SILVA, 2018, p. 153 - 154).

A música “*Shine on You Crazy Diamond*” é uma longa peça em que Syd foi inspiração para o grupo: ele é o diamante louco. Eles lembram do desaparecimento e ausência, demonstram a profunda tristeza e tentam não apagá-lo da história deles.

[...] Lembra-se de quando você era jovem?
Você brilhava como o sol
Continue a brilhar, diamante louco
Agora há um olhar em seus olhos
Como buracos negros no céu
Continue a brilhar, diamante louco [...] (PINK FLOYD, 1975, tradução nossa).⁴

Nos estudos de Silva (2018), consta que Syd era considerado um diamante, e esse é extremamente duro, quase impenetrável, o que pode-se insinuar resistência, valores, elogios e

³ And if you head explodes with dark forebodings too/I'll see you on the dark side of the Moon /[...] /And if the cloud bursts, thunder in your ear/You shout and no one seems to hear/And if the band you're in starts playing different tunes/I'll see you on the dark side of the Moon. WATERS, Roger; WRIGHT, Richard; GILMOUR, David; MASON, Nick. Brain Damage. In: Pink Floyd. The Dark Side of the Moon. Londres: Harvest/Columbia, 1973. 1 disco. Lado B, faixa 4.

⁴ Remember when you were young?/ You shone like the sun/ Shine on, you crazy Diamond/ Now there look in your eyes/ Like black holes in the sky/ Shine on, you crazy Diamond/ WATERS, Roger; WRIGHT, Richard; GILMOUR, David; MASON, Nick. Shine on You Crazy Diamond. In: Pink Floyd. Wish You Were Here. Londres: Harvest/Columbia, 1975. 1 disco. Lado A, faixa 1. Lado B, faixa 3.

brilho. A letra sugere que ele poderia voltar a brilhar de outra maneira, em outro tempo. A literatura enuncia um comportamento, esse pode ser entendido como uma decisão na formação de valores de Syd, na passagem da fábula que outrora servira de base para composição do primeiro álbum, é “o dom do esquecimento: para que a terrível lembrança não permaneça e não cresça, e não ofusque a alegria e o prazer, para que a memória assustadora não estrague a vida posterior dos animais ajudados em momentos de dificuldade, para que possam ser felizes e despreocupados como antes” (GRAHAME, 2021, p. 103).

A canção “*Wish you were here*”, tem o mesmo nome do álbum da banda. A letra é dirigida a Syd e pode ser interpretada como um desabafo de uma pessoa que sente falta da outra, um debater-se para se libertar de uma forma enjaulada de vida.

[...]Como eu queria
Como eu queria que você estivesse aqui
Nós somos apenas duas almas perdidas
Nadando em um aquário ano após ano
Correndo sobre o mesmo velho chão
O que nós descobrimos?
Os mesmos velhos medos
Queria que você estivesse aqui. (PINK FLOYD, 1975, tradução nossa).⁵

As canções são um chamado ao integrante que se desligou, carregadas de sentimentos saudosos, “recordação, recordação, eles sussurram e se esvaem em um farfalho e um sussurro” (GRAHAME, 2012, p. 105). A fábula de Kenneth termina o capítulo “*The piper at the Gates of Down*” com a paciente constatação da personagem que “não ouviu resposta. Ela olhou, e entendeu o silêncio. Com um sorriso de muita felicidade no rosto, algo como um olhar de escuta persistente, o Rato cansado adormecera profundamente” (GRAHAME, 2021, p.106), o silêncio de quem se afastou e que na sua reclusão permaneceu até os últimos dias.

Considerações Finais

É grandioso o período que estimulou e influenciou a trajetória musical de algumas bandas. Também é verdade que quando tornamos a escutar os trabalhos mais antigos das bandas, estremecemos ao perceber o quanto são atuais. Há coisas ruins? É possível. Há tempo cronológico? Certamente que há. Mas, há muitas obras-primas que alcançam o público independente da época, sejam de gravadoras ou de *streaming*. É incrível como senhores

⁵ [...] How I wish/How I wish you were here/We're just two lost souls/Swimming in a fish bowl year after year/Running over the same old ground/What have we found?/The same old fears/Wish you were here. WATERS, Roger; WRIGHT, Richard; GILMOUR, David; MASON, Nick. Wish you were here. In: Pink Floyd, Wish You Were Here. Londres: Harvest/Columbia, 1975. 1 disco. Lado B, faixa 2.

septuagenários encantam as novas gerações com seus trabalhos de outrora. O segredo da imortalidade do *Pink Floyd* é a inexorável passagem do tempo que nos faz contorcer e arrepiar diante dos rumos da sociedade. Com um pouco de sorte e muita boa vontade podemos prestar atenção no singular trabalho daqueles, que no meio do caos, acesso de raiva, egocentrismo e todo um pacote de excentricidades, disseram, fizeram e contribuíram ao leitor/ouvinte confortavelmente entorpecido pela literatura e pela música.

Pontuamos que esse estudo afina-se com a Literatura e Música, pois remete a intersecção entre as duas artes, sendo assim, atribuímos afinidade aos que defendem igual peso aos dois constituintes. As duas formas assinalam um percurso cíclico e, conforme Oliveira (2020), obras musicais inspiradas em textos literários são notáveis, e entendemos, portanto, que sugerem continuidade de estudos em nossas futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BLAKE, Mark. **Nos bastidores do Pink Floyd**. Tradução de Alexandre Callari. São Paulo: Évora, 2012.

GRAHAME, Kenneth. **O vento nos Salgueiros**. Tradução de Alessandra Esteche. Jandira, SP: Principis, 2021.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

MABBETT, Andy. **Pink Floyd: the music and the mystery**. 1ª ed. Omnibus Press: 2010.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. **Literatura e música: união indissolúvel**. RILP- Revista Internacional em Língua Portuguesa. nº 37, 93-114, 2020.

PINK FLOYD. **The Piper at The Gates of Down**. Londres: Columbia/EMI, 1967. 1 disco.

PINK FLOYD. **Dark Side of the Moon**. Londres: Harvest/Records, 1973. 1 disco.

PINK FLOYD. **Wish You Were Here**. Londres: Harvest/Columbia, 1975. 1 disco.

SILVA, Franco Santos Alves da. **O Lado escuro: Narrativas distópicas na obra do Pink Floyd (1973-1983)**. 2018. 477 f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.